



UNICAMP

ABDI

Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial

Boletim

de

Conjuntura Industrial

Junho de 2008



Boletim de Conjuntura Industrial

Junho de 2008

Esta publicação é um trabalho em parceria desenvolvido pela Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial - ABDI e o Núcleo de Economia Industrial e da Tecnologia do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

O crescimento da economia brasileira foi bastante significativo no ano passado. O Produto Interno Bruto (PIB) cresceu 5,4% em 2007, superando o desempenho do ano anterior. Como destacado no último Boletim de Conjuntura Industrial (março/2008), a indústria contribuiu de forma positiva para esse comportamento, apresentando uma taxa de crescimento de 4,9% enquanto a indústria de transformação atingiu 5,1% (Sistema de Contas Nacionais – SCN/IBGE).

A indústria brasileira manteve o ritmo acelerado de crescimento no primeiro trimestre de 2008, o que pode ser observado com base nos dados de produção física obtidos a partir da Pesquisa Industrial Mensal-Produção Física (PIM-PF/IBGE) (Tabela 1). O crescimento do primeiro trimestre de 2008, comparado ao mesmo trimestre do ano anterior foi de 6,3% para a indústria geral e para a indústria de transformação, patamares inferiores aos verificados no último trimestre de 2007, mas ainda assim, bastante expressivos. Por sua vez, a indústria extrativa atingiu 6,5%, comparado a 6,1% nos mesmos períodos. Considerando o acumulado ao longo dos últimos quatro trimestres as taxas de crescimento foram de 6,6% para a indústria geral e para a indústria de transformação, enquanto a indústria extrativa alcançou o patamar de 6,1%, superiores, portanto às taxas observadas no acumulado do ano passado (respectivamente 6,0% e 5,9%).

Tabela 1 – Taxa de Crescimento da Produção Industrial (I/2006 a I/2008)

Em %

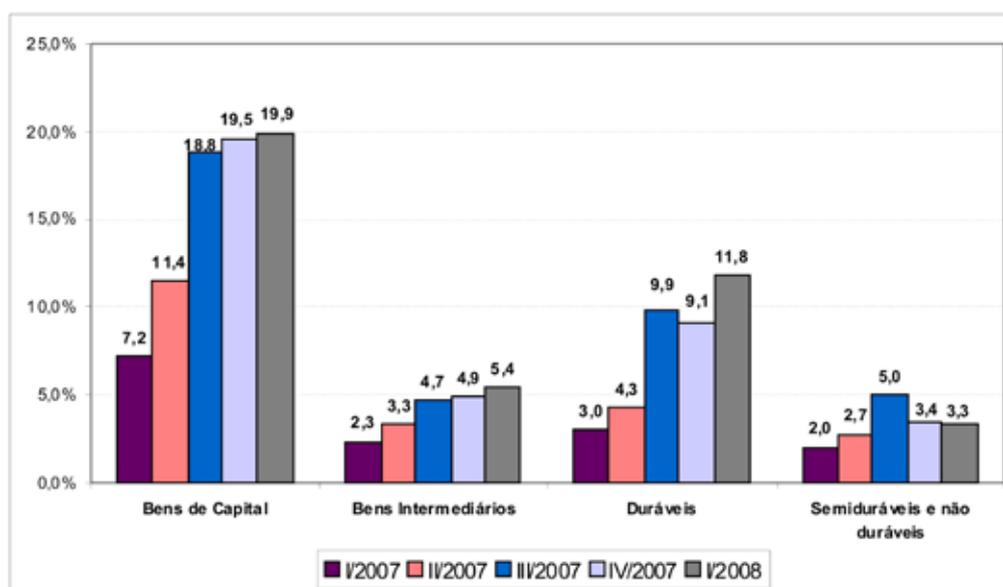
Atividades	I/2006	II/2006	III/2006	IV/2006	I/2007	II/2007	III/2007	IV/2007	I/2008
Taxa de crescimento trimestral em relação ao mesmo trimestre do ano anterior									
Indústria Geral	4,6	0,9	2,8	3,2	3,8	5,8	6,3	7,9	6,3
Indústria Extrativa	13,2	4,1	5,7	7,1	5,6	5,8	6,0	6,1	6,5
Indústria de Transformação	4,1	0,7	2,6	3,0	3,7	5,8	6,4	8,0	6,3
Taxa de crescimento acumulada ao longo dos últimos 4 trimestres									
Indústria Geral	3,3	2,0	2,3	2,8	2,6	3,9	4,8	6,0	6,6
Indústria Extrativa	12,1	9,2	8,1	7,4	5,7	6,1	6,1	5,9	6,1
Indústria de Transformação	2,8	1,6	2,0	2,6	2,5	3,8	4,7	6,0	6,6

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados da PIM-PF/IBGE.

A demanda interna vem assumindo um papel ativo no crescimento recente, evidenciado pelo crescimento do consumo das famílias, da formação bruta de capital fixo e das importações. No último Boletim de Conjuntura Industrial (março/2008) destacou-se a aceleração da taxa de investimento ao longo de 2007, atingindo o patamar de 17,7% no último trimestre do ano.

Considerando a produção física da indústria, esse padrão de crescimento liderado pela demanda interna, notadamente pelo investimento, refletiu-se em crescimento acelerado do setor produtor de bens de capital. Sua taxa de crescimento no acumulado dos últimos quatro trimestres tem se elevado ininterruptamente desde o segundo trimestre de 2006. Isto ocorreu durante todo o ano passado, que fechou com o maior crescimento acumulado (19,5%) dentre as demais categorias de uso, e se manteve no primeiro trimestre de 2008, quando atingiu 19,9% (Gráfico 1), mesmo considerando uma ligeira redução no ritmo nesse primeiro trimestre em relação ao trimestre anterior. A produção de bens de consumo duráveis também continuou apresentando um vigoroso crescimento no primeiro trimestre de 2008, superando o forte ritmo de crescimento verificado no ano passado, principalmente na segunda metade do ano, fechando o primeiro trimestre de 2008 com uma taxa acumulada nos últimos 4 trimestres de 11,8%. Os bens intermediários também apresentaram um crescimento contínuo de sua produção, fechando com 4,9% no último trimestre do ano e atingindo 5,4% no primeiro trimestre de 2008. A produção de bens semiduráveis e não-duráveis tem mostrado uma tendência de desaceleração, atingindo 3,3% no acumulado dos últimos 4 trimestres.

Gráfico 1 – Evolução da Produção Industrial por Categorias de Uso (taxa acumulada nos últimos 4 trimestres – I/2007 a I/2008) (Em%)



Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados da PIM-PF/IBGE.

Analisando os dados de produção por atividade industrial, é possível observar para vários setores a mesma tendência de pequena redução do ritmo de crescimento no primeiro trimestre do ano. No entanto, para a taxa acumulada ao longo dos últimos 4 trimestres, constata-se que 23 setores industriais apresentaram crescimento no final do primeiro trimestre de 2008, considerando um total de 27 setores incluídos na PIM-PF/IBGE.

Sob o ponto de vista setorial, verifica-se mais uma vez a liderança de setores associados à produção de bens de capital ou de bens de consumo duráveis. Os 5 setores que apresentaram as maiores taxas de crescimento no acumulado até o primeiro trimestre do ano corrente foram: veículos automotores (18,3%); outros equipamentos de transporte (17,7%); máquinas e equipamentos (16,8%); máquinas, aparelhos e materiais elétricos (14,2%) e borracha e plástico (7,9%). Os setores líderes do crescimento no começo do ano praticamente coincidiram com aqueles que lideraram o crescimento no último trimestre do ano passado, com a exceção do setor produtor de borracha e plástico, que apresentou uma forte e contínua recuperação ao longo do ano passado, culminando com seu vigoroso crescimento no começo de 2008.

Observando a contribuição dos setores ao crescimento (ou a composição da taxa de crescimento) no primeiro trimestre de 2008, os 5 principais setores foram: veículos automotores (24,5%); máquinas e equipamentos (10,9%); outros produtos químicos (8,7%); outros equipamentos de transporte (6,4%) e metalurgia básica (6,3%).

O fraco desempenho da produção de alguns setores industriais no ano passado foi superado ou amenizado no começo do ano corrente: caso do setor de material eletrônico, aparelhos e equipamentos de telecomunicações e de couro e calçados. No primeiro caso, depois da queda de 1,1% em 2007, houve crescimento de 3,8% no acumulado até o primeiro trimestre de 2008, puxado pelos aumentos de produção significativos no último trimestre do ano passado e no primeiro trimestre deste ano – respectivamente, 10,9% e 10,2%, comparados com os mesmos períodos do ano anterior. No caso do setor de couro e calçados, houve praticamente uma estagnação da produção no acumulado até o primeiro trimestre de 2008 (-0,5%), resultado mais favorável se comparado à redução de 2,2% no ano passado.

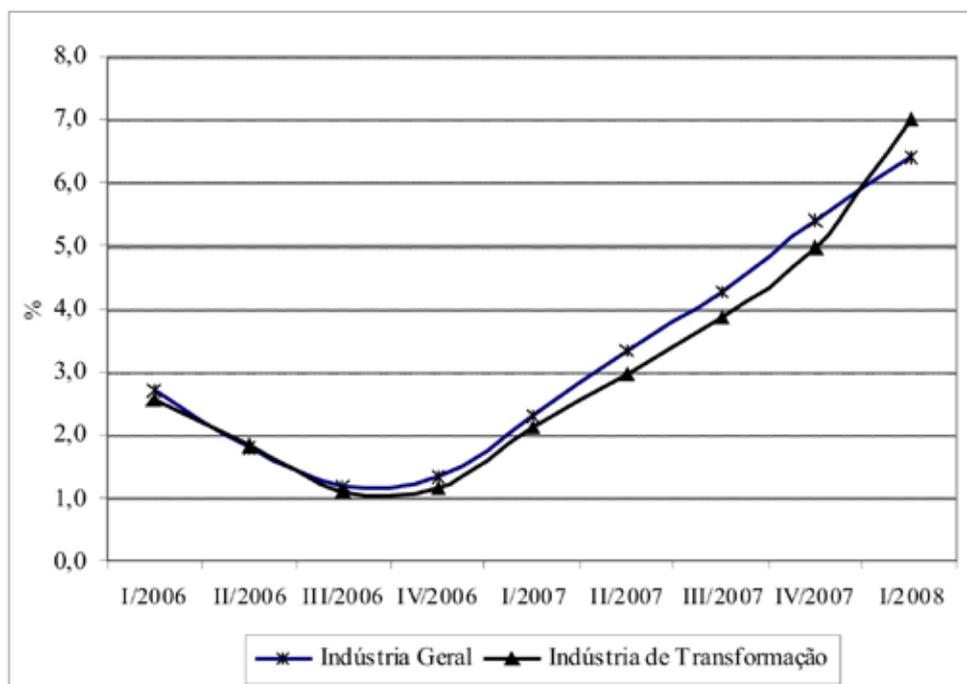
Por outro lado, houve perda de dinamismo da produção em algumas atividades no começo do ano corrente comparado a igual período do ano passado, mesmo considerando seu desempenho positivo no acumulado do ano terminado no primeiro trimestre de 2008. Este é o caso dos setores de perfumaria, sabões, detergente e produtos de limpeza (-1,9%); farmacêutico (-4,9%); e de máquinas para escritório e equipamentos de informática (-12,0%). Este último teve seu resultado influenciado pelo desempenho muito positivo no biênio 2006-2007, porém revertido de forma acentuada no primeiro trimestre deste ano.

Por fim, observando tanto o acumulado nos últimos quatro trimestres quanto o comportamento no primeiro trimestre do ano comparado com o mesmo período do ano passado, destacam-se algumas atividades que sofreram evidente redução da produção física, como fumo e madeira. No primeiro caso, intensificou-se o comportamento negativo verificado no ano anterior, fechando com queda de 10,4% no acumulado dos últimos quatro trimestres.

O desempenho favorável da produção industrial tem se traduzido na aceleração dos índices de emprego da indústria. Segundo dados da Pesquisa Industrial Mensal de Emprego e Salário (PIMES/IBGE), o pessoal ocupado assalariado na indústria geral cresceu 3,0% e na indústria de transformação 3,1% no primeiro trimestre de 2008, superando o crescimento de 2,2% atingido no acumulado do ano passado.

Os dados da PIMES também permitem constatar o aumento de 6,4% da folha de pagamentos real da indústria geral e de 7,0% da indústria de transformação no acumulado do primeiro trimestre de 2008, intensificando o crescimento observado no acumulado do ano passado (respectivamente 5,4% e 5,0%). O crescimento para a indústria de transformação inclusive superou aquele observado para a indústria geral no início do ano (Gráfico 2). Portanto, os dados do primeiro trimestre do ano corrente confirmam o desempenho bastante favorável da folha de pagamentos real da indústria, que já havia se mostrado persistente ao longo de todo o ano de 2007. Cabe lembrar que esse crescimento do ano passado significou uma reversão da tendência de redução da massa de rendimento real da indústria presente no ano anterior.

Gráfico 2 – Taxa de Crescimento da Folha de Pagamentos Real da Indústria (taxa acumulada ao longo dos últimos 4 trimestres – I/2006 a I/2008) (Em %)



Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados da PIMES/IBGE.

Segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED/MTE), foram criadas aproximadamente 386,6 mil vagas na indústria geral em 2007 (372,5 mil na indústria de transformação e 14,1 mil na indústria extrativa) (Tabela 2). A criação de emprego formal continuou vigorosa no primeiro trimestre de 2008, atingindo o patamar de 153,1 mil vagas na indústria geral (149,7 mil na indústria de transformação e 3,4 mil na indústria extrativa). Esse patamar significou um volume equivalente à quase 40% do total de vagas criadas em todo o ano de 2007. Em termos de taxa de crescimento em relação ao mesmo período do ano anterior, significou um aumento de 40,5% na indústria geral, 43,0% na indústria de transformação e uma redução de 20,7% na indústria extrativa.

Tabela 2 - Evolução da Criação de Emprego Formal na Indústria (I/2007 e I/2008)

	Admitidos (mil)			Desligados (mil)			Criação de vagas(mil)		
	Total 2007	1º trim. 2007	1º trim. 2008	Total 2007	1º trim. 2007	1º trim. 2008	Total 2007	1º trim. 2007	1º trim. 2008
Indústria Geral	3.027,8	758,1	894,4	2.641,2	649,1	741,4	386,6	109,0	153,1
Indústria Extrativa	55,2	14,3	14,0	41,1	10,0	10,7	14,1	4,3	3,4
Indústria de Transformação	2.972,6	743,8	880,4	2.600,1	639,1	730,7	372,5	104,7	149,7

Fonte: Elaboração própria NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados do CAGED/MTE.

Os setores que tiveram maior participação na geração de novas vagas na indústria no primeiro trimestre foram: máquinas e equipamentos (13,3%); produtos de metal (10,5%); fumo (10%); couro e calçados (9,9%); refino de petróleo e álcool (9,4%); e veículos automotores (7,4%). Os setores de máquinas e equipamentos e de veículos também foram líderes de crescimento da produção industrial no mesmo período, atingindo igualmente grande participação em sua composição. Isto certamente contribuiu para o desempenho positivo na criação de emprego formal no começo do ano corrente.

Observando os dados sobre os salários dos trabalhadores contratados e desligados, pode-se verificar um aumento de 18% na massa salarial dos admitidos, enquanto a massa salarial dos trabalhadores desligados cresceu 4%. Como resultado, o aumento líquido da massa salarial, que havia sido de R\$ 17 milhões no primeiro trimestre de 2007, atingiu o patamar de R\$ 96 milhões no primeiro trimestre de 2008.

Em termos de salário médio de admissão, verificou-se um reduzido crescimento de no mesmo período, o que confirma o efeito positivo do ciclo atual de crescimento industrial sobre o nível de emprego e de salários. É interessante notar também que o salário médio dos admitidos e dos desligados têm se aproximado, como mostra a relação entre as duas variáveis: enquanto no primeiro trimestre de 2007 o salário médio dos admitidos correspondia a 89% do valor dos desligados, no primeiro trimestre de 2008 atingiu 98% (Tabela 3).

Essa é uma informação interessante, uma vez que em momentos de estagnação e crescimento lento da produção, o salário médio de admissão tende a ser muito menor do que o de desligamento, uma vez que o tempo médio de emprego dos demitidos ou desligados por aposentadoria tende a elevar o salário médio dos desligados. Vale observar também que vários setores líderes do crescimento da produção industrial desde o ano passado já vêm apresentando massa salarial dos trabalhadores admitidos maior do que a dos desligados.

Tabela 3 - Evolução da Massa de Salários e dos Salários Médios na Indústria – admissão e desligamento (I/2007 e I/2008)

Indicador	Admissão		Desligamento		Admissão/Desligamento	
	1º trim. 07	1º trim. 08	1º trim. 07	1º trim. 08	1º trim. 07	1º trim. 08
Massa de salário (R\$ milhões)						
Indústria Geral	530,5	630,7	513,1	534,1	1,03	1,18
Indústria Extrativa	17,5	15,5	12,0	12,8	1,46	1,21
Indústria de Transformação	513,0	615,2	501,1	521,3	1,02	1,18
Salário médio (R\$)						
Indústria Geral	699,8	705,2	790,5	720,5	0,89	0,98
Indústria Extrativa	1.225,3	1.106,6	1.197,6	1.201,5	1,02	0,92
Indústria de Transformação	689,7	698,7	784,1	713,5	0,88	0,98

Nota: Valores deflacionados pelo IPCA – a preços de dezembro de 2007.

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados do CAGED/MTE.

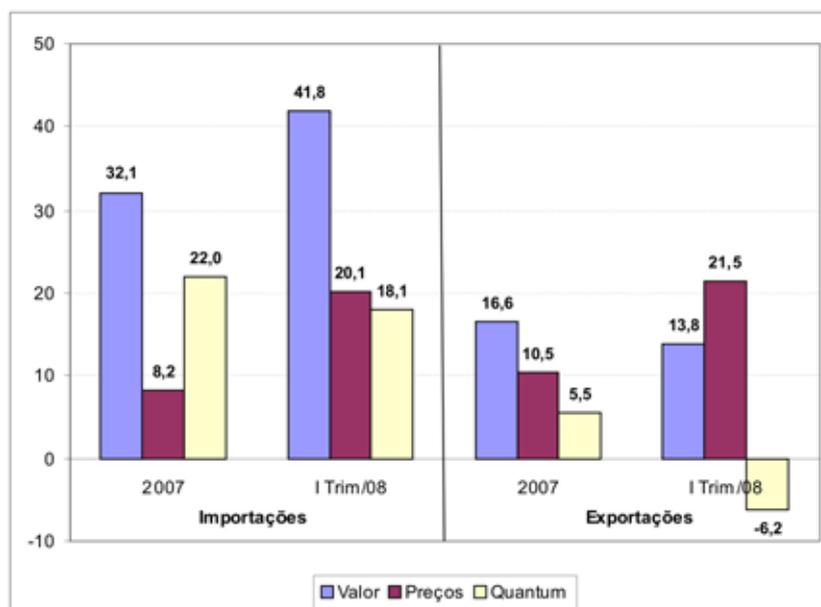
Em relação ao comércio exterior, um conjunto importante de tendências observadas no ano passado manteve-se no primeiro trimestre de 2008 – em alguns casos, com maior intensidade –, como a desaceleração do superávit comercial, liderada pelo aumento das importações e pela redução das quantidades exportadas.

O superávit comercial do primeiro trimestre de 2008 (US\$ 2,835 bilhões) foi 78,9% menor do que o do primeiro trimestre do ano passado, indicando o aprofundamento do processo de deterioração do saldo comercial positivo em um cenário de crescimento econômico e moeda valorizada.

As importações marcaram o passo deste movimento. Atingiram, em valor, aproximadamente R\$ 35,8 bilhões no acumulado dos três primeiros meses deste ano, apresentando um crescimento de 41,8% em relação ao primeiro trimestre do ano passado. Parte desse crescimento deu-se em função do preço das importações que tiveram crescimento acumulado de 20,1% no primeiro trimestre de 2008, comparados aos preços do mesmo período do ano anterior.

Os indicadores de quantum apresentaram crescimento similar: 18,1%. Vale observar que comparando com os resultados observados no acumulado do ano passado, o crescimento dos preços das importações foi muito superior, enquanto o índice de quantum foi ligeiramente menor (Gráfico 3).

**Gráfico 3 – Taxa de Crescimento das Exportações e Importações:
valor, preço e quantum
(em relação ao mesmo período do ano anterior – 2007 e I/2008) (Em%)**



Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados da SECEX/MDIC e da FUNCEX .

Em termos das categorias de uso, o destaque ficou para as fortes elevações do quantum importado de bens de capital (34%) e de bens de consumo durável (64%), segmentos que também apresentaram significativa evolução da produção física. Cabe lembrar, no entanto, que no caso dos bens citados, o crescimento da produção nacional foi superado pelo crescimento da quantidade importada no período analisado, indicando que o estímulo da demanda interna à produção de bens de capital e de bens de consumo durável também transbordou para o setor externo.

As exportações, que contabilizaram aproximadamente US\$38,7 bilhões no primeiro trimestre deste ano, apresentaram crescimento de 13,8% em relação ao primeiro trimestre de 2007 (Gráfico 3). A desagregação dos efeitos da variação de preços e de quantum exportado tornam os resultados mais preocupantes: grande parte da elevação das exportações em relação ao primeiro trimestre do ano anterior esteve ligada a um movimento de elevação de preços (21,5%), com destaque para os produtos básicos (34,5%) e para os combustíveis (62,3%). Esta elevação de preços conseguiu compensar a queda do quantum exportado (-6,2%) no começo do ano. É interessante observar que em termos de classe de produtos, a redução do quantum foi generalizada, embora tenha sido maior no caso dos produtos básicos (-13,2%).

Do ponto de vista das categorias de uso, os bens de capital foram os únicos que tiveram elevação no índice de quantum das exportações (6,8%). Todos os demais, principalmente os combustíveis (-30,5%) tiveram desempenho negativo, fato que revela uma tendência preocupante de sustentação do valor das exportações exclusivamente com base na evolução dos preços no mercado internacional.

Uma análise do comércio externo setorialmente desagregada mostra com mais clareza as principais contribuições ao movimento de elevação das importações e de redução das quantidades exportadas.

Setores que se destacaram no crescimento da produção doméstica também apresentaram significativa elevação dos valores importados no primeiro trimestre do ano: veículos automotores (65,7%), material eletrônico e comunicações (45%), máquinas e equipamentos (45,7%) e metalurgia básica (49,3%). Eles também se destacaram por sua participação na pauta de importações (pouco mais de 30% na média dos últimos três meses) e, portanto, por sua grande contribuição ao crescimento do volume importado.

O papel dos setores citados para a evolução recente das importações ganha maior destaque quando analisada a evolução dos índices de quantum e preços. Todos eles ficaram abaixo da elevação média dos preços das importações totais. Por sua vez, o quantum por eles importado esteve sempre acima da média, com destaque para a importação de “veículos, reboques e carrocerias”, que apresentou evolução de 52,8%, a maior entre todos os setores analisados. Em relação à evolução dos preços, o setor agropecuário (55,3%), o de extração de petróleo (53,6%), de produção de derivados (47,6%) e de minerais não-metálicos (49,7%) são os grandes destaques no primeiro trimestre de 2008. Considerando ainda as importações, dos 29 setores destacados pela FUNCEX, apenas minerais não metálicos (-25,8%) e produtos do fumo (-58,9%) apresentaram redução do valor importado no acumulado do primeiro trimestre do ano corrente, constituindo-se em exceções ao movimento geral.

No tocante às exportações, o desempenho dos distintos setores foi bastante heterogêneo em termos de valor no acumulado do primeiro trimestre do ano corrente. Dentre os setores com destaque positivo (crescimento acima

da média) se encontram: coque, refino de petróleo e outros combustíveis (43,3%); produtos alimentícios e bebidas (20%) e agricultura e pecuária (27,1%). Esses setores apresentaram elevação de preços de exportação acima da média do período (21,5%).

Os principais responsáveis pelo crescimento da produção nacional também foram setores que se destacaram no crescimento das exportações, como outros equipamentos de transporte (36,1%), veículos automotores (14,7%); máquinas, aparelhos e equipamentos elétricos (27,4%) e borracha e plástico (22,9%). Porém, como o quantum exportado apresentou crescimento menor que a produção física, pode-se argumentar que estes setores tiraram do mercado interno a maior parte do estímulo ao incremento da produção ao longo do último trimestre. A grande exceção foi o setor de outros equipamentos de transporte, que apresentou um significativo aumento do quantum exportado (24,9%). Setores que reduziram o valor exportado geralmente não mantêm um peso importante na pauta de exportação. As exceções ficam por conta da extração de petróleo (-8,3%); produtos minerais não-metálicos (-7,4%) e material eletrônico e de telecomunicações (-6%).

Embora todos os 24 setores considerados tenham tido evolução de preços favoráveis, 16 apresentaram redução do quantum exportado, contribuindo para a já destacada queda no volume total exportado. Alguns setores que vêm enfrentando problemas com o câmbio apresentaram claramente os sintomas apontados: vestuário e acessórios (-29%), couro e calçados (-14,5%) e produtos de madeira (-10,4%). Outros setores, como material eletrônico e de telecomunicações (-12,7%), metalurgia básica (-10,9%) e produtos de minerais não metálicos (-19,3%) também apresentaram reduções de quantum. Nestes setores, o mercado interno aquecido e as dificuldades para aumentar a penetração nos mercados externos parecem estar levando as empresas a direcionarem parte da produção anteriormente exportada para o mercado interno.

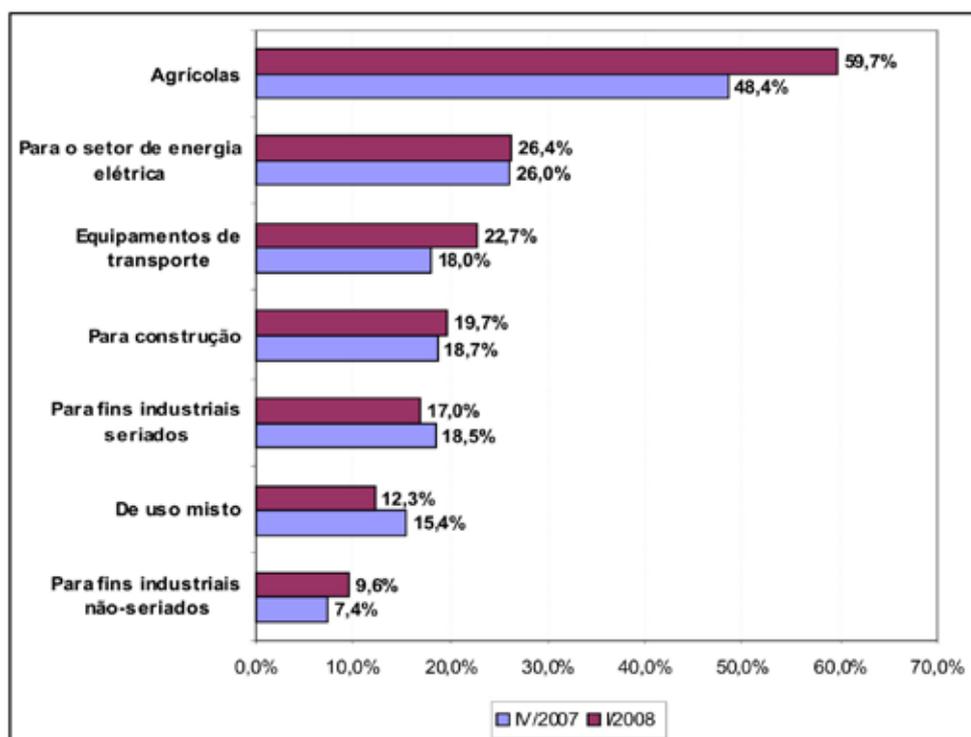
O conjunto de informações analisadas anteriormente permite verificar que o ciclo de crescimento atual puxado pela demanda interna, em especial pelos investimentos, continua apresentando grande dinamismo, mesmo considerando sua recente desaceleração. A evolução dos investimentos merece ser melhor analisada, uma vez que, em um cenário de demanda aquecida, o crescimento da formação bruta de capital acima dos demais componentes

da demanda é fundamental para a sustentação do crescimento evitando-se a reversão do ciclo. No caso do setor de bens de capital, como já destacado, a manutenção de sua liderança no crescimento da produção industrial no primeiro trimestre do ano corrente confirma o estímulo proveniente da aceleração dos investimentos em diversos setores da economia.

Todos os segmentos de bens de capital continuaram apresentando um crescimento muito acelerado no primeiro trimestre de 2008, com alguns segmentos inclusive registrando taxas acumuladas ao longo dos últimos 4 trimestres mais elevadas do que no final de 2007 (Gráfico 4).

Há que ressaltar a maior importância do crescimento de equipamentos de transporte por conta de seu elevado peso (36,2%) no índice especial da indústria de bens de capital em termos de produção física. Da mesma maneira, deve-se destacar a redução do crescimento do segmento de bens de capital de uso misto, igualmente com grande participação (33,1%) no índice citado. Os demais segmentos pesam relativamente menos no índice especial de bens de capital, mas seu crescimento conjunto confirma a tendência de elevação dos investimentos em diversos setores de atividade: agricultura, energia e construção.

Gráfico 4 – Segmentos da Indústria de Bens de Capital
(taxa acumulada ao longo dos últimos 12 meses – IV/2007 e I/2008) (Em %)



Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados da PIM-PF/IBGE.

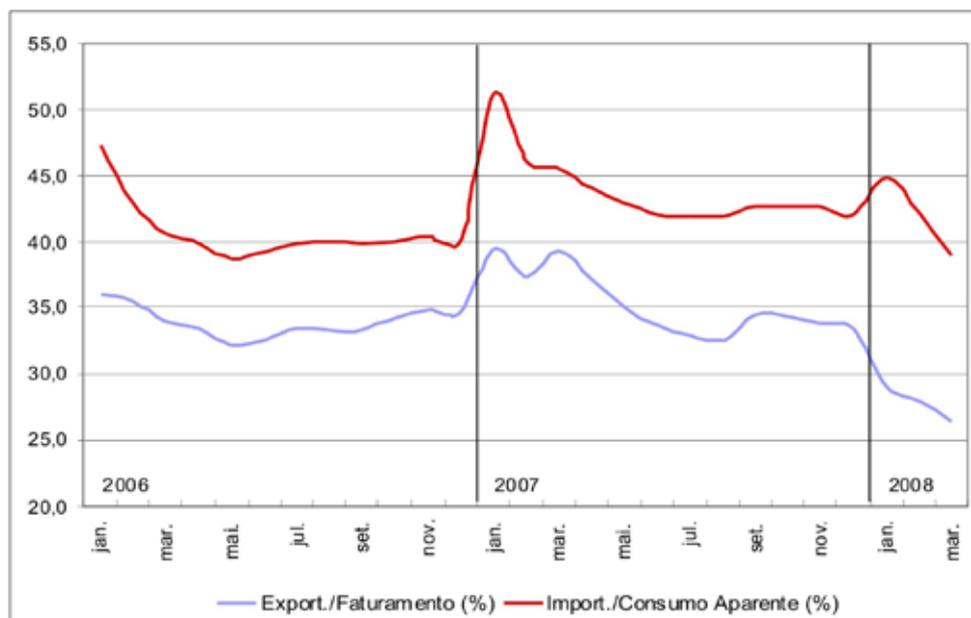
A evolução do faturamento real do setor de bens de capital divulgado pela ABIMAQ confirma também o cenário positivo da atividade. Em 2007, o faturamento atingiu o patamar de R\$ 61,9 bilhões (a preços constantes de dezembro de 2007 – deflacionados pelo IPA-DI: máquinas e equipamentos – fonte original: ABIMAQ). No primeiro trimestre de 2008, o faturamento real alcançou R\$ 17,1 bilhões, revelando um aumento de 27,4% com relação ao mesmo período do ano anterior.

Por sua vez, o consumo aparente (faturamento + importações – exportações) aumentou 37,7% no mesmo período, puxado pela elevação tanto do faturamento quanto das importações de bens de capital. Dados do primeiro trimestre de 2008 revelam que as compras externas aumentaram 44,6% com relação ao primeiro trimestre de 2007, de US\$ 3.194,1 milhões para US\$ 4.617,7 milhões, enquanto as exportações apresentaram elevação relativamente menor (5,1%) no mesmo período, passando de US\$ 2.481,7 milhões para US\$ 2.607,2 milhões (ABIMAQ). Entretanto, a observação do comportamento recente da produção física e da participação do faturamento e das importações de bens de capital sobre o consumo aparente mostra que o aumento das importações não tem deslocado a produção interna, sendo-lhe, pelo contrário, complementar.

A participação das importações sobre o consumo aparente se manteve relativamente estável ao longo de 2007, tendo inclusive apresentado uma pequena redução no primeiro trimestre de 2008 (de 44,9% em janeiro para 38,9% em março de 2008).

Por outro lado, o comportamento das exportações acabou se traduzindo em redução praticamente contínua de sua participação no faturamento nos últimos 12 meses, refletindo tanto a maior demanda interna quanto a valorização cambial e a redução na demanda externa (Gráfico 5).

Gráfico 5 – Indústria de Bens de Capital: Evolução da Participação das Importações sobre o Consumo Aparente e das Exportações sobre o Faturamento (jan./2006-mar./2008) (Em %)

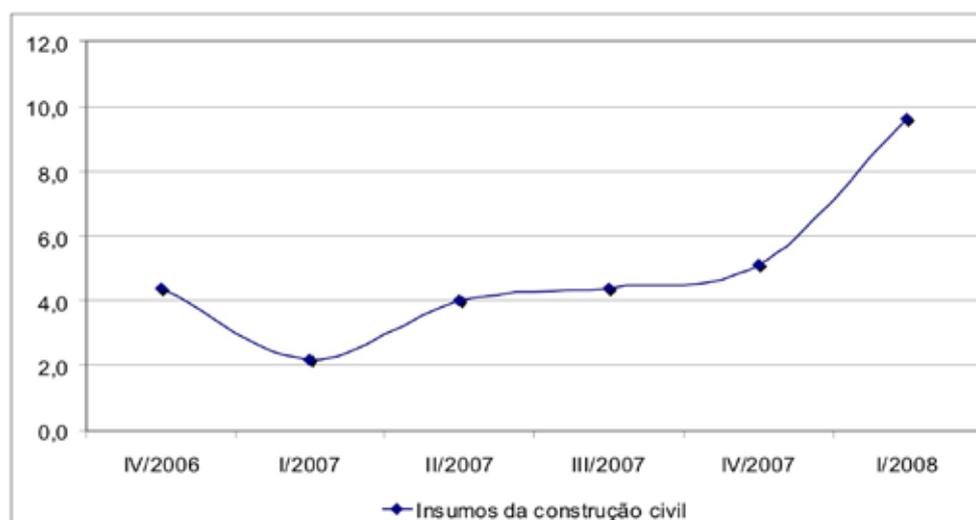


Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados da ABIMAQ.

Do ponto de vista da formação bruta de capital fixo, existem indicações de que, além do setor de máquinas e equipamentos, o setor de construção civil também vem apresentando um excelente desempenho desde o ano passado, excepcionalmente intensificado no começo do ano corrente. Uma análise mais cuidadosa do crescimento dessa atividade torna-se interessante para iluminar o vigor da atividade econômica interna.

Cabe destacar inicialmente o comportamento bastante favorável da produção dos insumos típicos da construção. Houve uma intensificação gradativa de seu crescimento ao longo de todo o ano passado, atingindo o patamar de 5,1% no acumulado do ano e de 9,6% apenas no primeiro trimestre de 2008 (Gráfico 6).

Gráfico 6 – Taxa de Crescimento da Produção de Insumos da Construção Civil (taxa acumulada ao longo do ano – I/2006 a I/2008) (Em %)



Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados da PIM-PF/IBGE.

O crescimento da atividade de construção civil pode ser observado também através do incremento da criação de emprego formal em todos os seus segmentos (construção de edifícios, obras de infra-estrutura e serviços especializados para a construção). Em 2007, foram criadas aproximadamente 180 mil vagas na construção civil (o que corresponde à quase metade das vagas criadas pela indústria no mesmo período). A construção de edifícios foi o segmento que se destacou na admissão de pessoal, porém o maior saldo se verificou no segmento de obras de infra-estrutura (quase 82 mil vagas) (Tabela 4).

O crescimento da criação de vagas no primeiro trimestre de 2008 mostra claramente o excelente desempenho recente da atividade de construção civil. Em 3 meses, a atividade foi responsável pela geração de um pouco mais de 103 mil vagas, quase triplicando o saldo do primeiro trimestre do ano passado. A construção de edifícios liderou o crescimento absoluto e relativo do emprego formal no primeiro trimestre do ano corrente, criando mais de 44 mil vagas (quase quintuplicando o patamar do primeiro trimestre do ano passado), o que representou 43% do crescimento total do emprego formal na construção civil. Os demais segmentos também apresentaram significativa elevação do número de vagas, que duplicou nas obras de infra-estrutura e quase triplicou nos serviços especializados.

**Tabela 4 - Evolução da Criação de Emprego na Construção Civil
(I/2007 e I/2008)**

	Admitidos (mil)			Desligados (mil)			Criação de vagas(mil)		
	Total 2007	1º trim. 2007	1º trim. 2008	Total 2007	1º trim. 2007	1º trim. 2008	Total 2007	1º trim. 2007	1º trim. 2008
Construção civil	1.426,2	330,3	460,4	340,7	295,1	357,2	179,9	35,2	103,2
Construção de edifícios	680,1	160,3	208,1	163,7	150,5	163,7	65,2	9,8	44,4
Obras de infra-estrutura	528,5	119,3	170,2	125,7	100,5	130,0	81,8	18,8	40,2
Serviços especializados	217,6	50,6	82,1	51,3	44,1	63,5	32,9	6,6	18,6

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados do CAGED/MTE.

Portanto, também os dados da construção civil indicam que o ritmo de crescimento da formação bruta de capital fixo foi bastante vigoroso no primeiro trimestre do ano. Existe, assim, a perspectiva de que o crescimento econômico continue sendo estimulado pela expansão dos investimentos. Do ponto de vista macroeconômico, a expansão do investimento é essencial para que o aumento da renda e da demanda não encontre limitações na capacidade de produção interna dos diversos setores de atividade. Porém, é importante ressaltar também que, do ponto de vista microeconômico, o aumento das inversões em geral está relacionado à modernização e atualização tecnológica de máquinas, equipamentos e instalações, resultando em maior eficiência produtiva e em maior capacidade competitiva.

A Política de Desenvolvimento Produtivo (PDP – 2008) recém lançada pelo governo deve ter efeitos positivos nesse processo, em especial pelas medidas voltadas para estimular o investimento, como, por exemplo, a redução dos spreads e a elevação dos prazos nas operações do BNDES para bens de capital. Também as medidas voltadas para o aumento das inovações e da competitividade assumem grande importância, dado o cenário de um crescimento mundial menos favorável do que nos últimos anos, o que deve resultar em uma demanda externa menos aquecida e pode acarretar um acirramento nas condições de concorrência no mercado externo. Nesse sentido, a própria expansão dos investimentos tem papel fundamental, uma vez que o aumento da capacidade pode evitar que a produção destinada ao mercado substitua as exportações, além de propiciar a modernização tecnológica. Porém, em um prazo mais longo, o aumento da competitividade internacional depende também do aumento da extensão e do aprofundamento das atividades inovativas e da capacidade de diferenciar produtos como forma de aumentar a penetração em mercados externos com produtos capazes de su-

perar os principais concorrentes em qualidade e valor. Essas questões estão tratadas de modo articulado na PDP e a sua implementação efetiva pode gerar efeitos importantes para evitar desequilíbrios futuros, em especial na balança comercial, em um cenário internacional menos favorável.

A Indústria de Couro e Calçados: caracterização, desempenho e desafios competitivos

Principais características e tendências mundiais

A indústria de couro e calçados participa de uma cadeia produtiva abrangente que inclui desde a produção de insumos (como couro e produtos químicos) até a fabricação do produto final (calçados).

Uma das características da indústria de couro e calçados é a relativa simplicidade do processo de produção, marcado por uma tecnologia madura com traços muitas vezes artesanais e pelo uso intensivo de mão-de-obra pouco qualificada. Cabe destacar a possibilidade de fragmentação do processo de produção em etapas distintas e discretas, que contribui para possibilitar seu deslocamento geográfico no plano nacional e internacional. O produto final da indústria de calçados pode apresentar modelos e estilos variados, bem como utilizar diferentes materiais (como couro, tecidos e materiais sintéticos), seguindo as tendências da moda. Os produtos também podem atender a múltiplas finalidades de consumo (social, esportivo, casual ou de segurança) e podem ser destinados a diferentes tipos de consumidores (masculino, feminino ou infantil), resultando em uma ampla possibilidade de segmentação do mercado consumidor.

Um aspecto relevante da indústria de couro e calçados mundial é sua estrutura heterogênea, marcada pela coexistência de um elevado número de pequenas e médias empresas, que concentram sua atuação em seus respectivos países de origem, com um reduzido número de grandes empresas que atuam de maneira internacionalizada, sendo responsáveis por grande parte da produção e do fornecimento ao mercado mundial. As grandes empresas internacionais têm liderado um processo de reorganização da cadeia de produção, de comercialização e de distribuição no plano global. A possibilidade de fragmentação do processo de produção tem viabilizado o deslocamento geográfico de suas etapas dentro de cada país produtor, mas também no plano internacional, motivado pela busca de novas fontes de suprimentos

que apresentem custos mais reduzidos para as grandes empresas, especialmente os custos relacionados com a força de trabalho. Convém destacar a relevância dos compradores globais, responsáveis pela distribuição das encomendas entre diferentes produtores localizados em distintos países, e que acabam assumindo, portanto, um papel de coordenação das cadeias produtivas globais.

A tendência de reorganização da cadeia de produção, de comercialização e de distribuição de calçados no plano internacional tem sido acompanhada pelo crescente deslocamento da produção mundial para países asiáticos, sobretudo para a China, onde os grandes compradores encontram fornecedores de produtos relativamente mais simples e mais baratos. A China certamente apresenta vantagens relacionadas ao reduzido custo da mão-de-obra; às economias de escala no nível da planta e das firmas, gerando capacidade de atendimento a grandes lotes de pedidos a custos baixos; e, por fim, à manutenção da desvalorização da moeda nacional com relação ao dólar, o que incentiva as exportações de grande parte da produção local de calçados (Garcia e Madeira, 2007).

Em 2005, os principais países produtores de calçados foram, em ordem decrescente, China (9 bilhões de pares), Índia (900 milhões), Brasil (762 milhões), Indonésia (580 milhões) e Vietnã (525 milhões) (ABICALÇADOS, 2007). A China tem se confirmado como principal produtora mundial, tendo aumentado sua produção de 6 bilhões de pares, em 2000, para 9 bilhões de pares, em 2005. A produção significativa de calçados da China tem se destinado primordialmente às exportações (aproximadamente 80% do volume produzido), colocando a China como principal exportadora mundial de calçados em termos de volume (7 bilhões de pares em 2005). O Brasil manteve-se como o terceiro maior produtor mundial de calçados, atingindo o patamar de 762 milhões de pares em 2005, dos quais 217 milhões foram destinados à exportação (28,5% da produção nacional).

No que se refere ao comércio mundial, cabe destacar o significativo aumento dos valores das exportações mundiais em todos os segmentos do setor. O valor total negociado pela indústria se elevou de aproximadamente US\$ 83 bilhões em 2000 para US\$ 126 bilhões em 2006 (Comtrade). O destaque fica para o segmento de calçados, que representa mais da metade do comércio

mundial do setor na década atual (US\$ 67 bilhões em 2006).

A concentração da exportação a partir de países asiáticos também pode ser apontada como uma importante tendência da indústria mundial de calçados, acirrando a concorrência no mercado internacional e reduzindo o espaço de atuação de tradicionais produtores e exportadores. Em 2006, os principais países exportadores de calçados (em termos de valor exportado) foram: China (32,5%); Itália (14,2%) e Hong Kong (9,0%) (Comtrade). A participação chinesa vem aumentando continuamente, em detrimento de seus principais concorrentes nos mercados externos, como a Itália. O Brasil ocupou o sétimo lugar no valor das exportações mundiais de calçados no último ano analisado, sofrendo uma queda de participação de 3,7%, em 2000, para 2,9%, em 2006.

No que diz respeito às principais tendências tecnológicas (produto e processo) observadas na indústria, destacam-se: o desenvolvimento e a utilização de novos materiais (sintéticos); o desenvolvimento da atividade de design de calçados, associada à importância da moda e da diferenciação de produtos; o aumento da customização dos produtos, voltados para o atendimento a nichos de mercado; o aumento do uso de componentes eletrônicos tanto nos produtos (calçados esportivos com dispositivos eletrônicos no solado, que incorporam novas funcionalidades ao produto) quanto no processo de produção, especialmente por meio de crescente automação; e, por fim, a normatização da atividade de produção de calçados, com o intuito de padronização de algumas características dos produtos, em termos de tipos, modelos e tamanhos (Garcia e Madeira, 2007).

Caracterização e análise do desempenho recente da indústria brasileira de couro e calçados

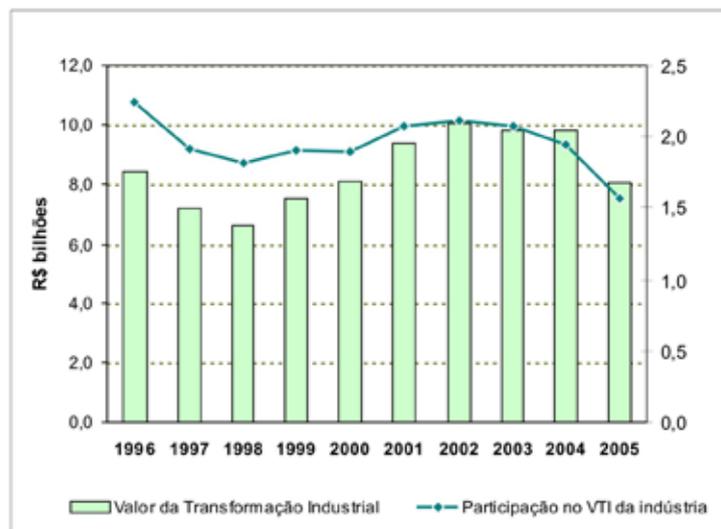
A indústria brasileira de couro e calçados pode ser caracterizada por sua estrutura heterogênea, reproduzindo internamente uma característica observada no plano internacional.

Dados do Relatório Anual de Informações Sociais (RAIS) do Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE) apontam a existência de mais de 12 mil estabelecimentos na indústria brasileira de couro e calçados em 2005. Somente no segmento de calçados havia aproximadamente 9 mil empresas, concentrando em torno de 75% do número de estabelecimentos da indústria. A

predominância de pequenas e médias empresas pode ser facilmente observada: nos segmentos de calçados e artefatos diversos de couro, o número de estabelecimentos com até 9 funcionários representava 66,3% do total em 2005. Por sua vez, no segmento fabricante de couro, o número de empresas com até 9 funcionários representava 50,7% do total no mesmo ano. No entanto, existem grandes empresas líderes que concentram grande parte da produção e do emprego, e que têm liderado, por um lado, um movimento recente de aquisição de outros fabricantes no plano nacional e, por outro lado, a formação de parcerias com grandes empresas estrangeiras.

A indústria brasileira de couro e calçados apresentou um desempenho desfavorável no período 1996-2005, tomando-se como base o Valor da Transformação Industrial (VTI), uma aproximação do valor adicionado, divulgado pela Pesquisa Industrial Anual (PIA) do IBGE. Houve redução de seu valor adicionado no período citado (-0,6% ao ano), o que certamente contrasta com o crescimento verificado na indústria brasileira (3,5% ao ano), levando a uma queda na participação do VTI do setor de couro e calçados no total do VTI da indústria (2,2%, em 1996, para 1,6%, em 2005) (Gráfico 1).

**Gráfico 1 – Indústria de Couro e Calçados:
evolução do valor da transformação industrial e de sua participação
no total da indústria brasileira (1996-2005)**



Nota: Valores em R\$ bilhões de 2005. Deflator: indústria de transformação – Contas Nacionais.
Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da PIA/IBGE.

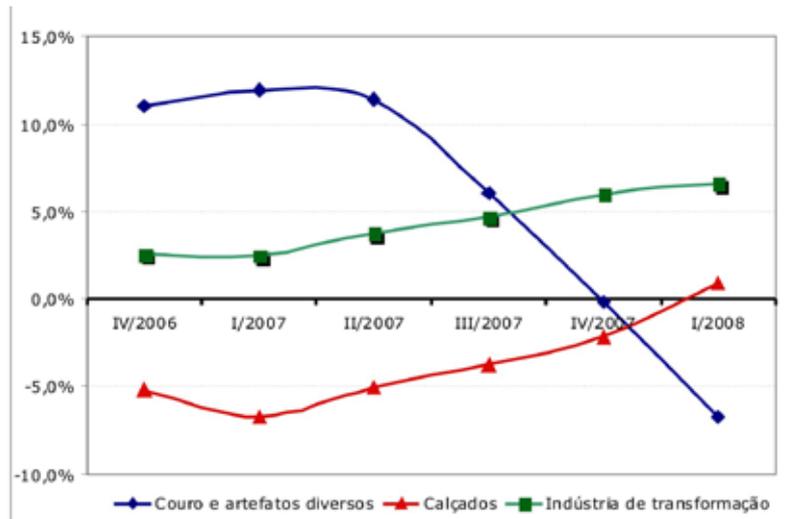
Alguns elementos contribuem para explicar o fraco desempenho do setor no período analisado. Em primeiro lugar, por se tratar de um setor produtor de um bem de consumo não-durável, a evolução da renda afeta direta-

te sua produção. O período analisado foi marcado pela semi-estagnação nos níveis de renda e consumo, não favorecendo a expansão da produção de calçados. Por outro lado, o setor direciona uma parcela relevante de sua produção doméstica para o mercado externo. Isto faz com que a taxa de câmbio tenha efeitos importantes sobre as exportações e, portanto, sobre os níveis de produção. É possível observar, assim, que, por exemplo, nos períodos de valorização cambial, como de 1996 a 1999, e no período mais recente a partir de 2004, o câmbio afetou negativamente o desempenho do setor.

No biênio 2006-2007, segundo dados da Pesquisa Industrial Mensal-Produção Física (PIM-PF/IBGE), houve um desempenho negativo do total da produção de couro e de calçados (-2,7% em 2006 e -2,2% em 2007), o que contrastou com a evolução positiva da produção física da indústria de transformação (2,6% em 2006 e 6% em 2007). O desempenho da produção conjunta dos segmentos de couro e de artefatos diversos (excluindo calçados), que correspondem a 16% dos produtos do setor considerados pela pesquisa, foi bastante positivo em 2006 (aumento de 11%), bem como nos três primeiros trimestres de 2007 (Gráfico 2).

As elevadas quantidades exportadas de couro contribuíram para tal desempenho da produção doméstica. No entanto, houve uma clara reversão do comportamento da produção no último trimestre de 2007, quando se observa também uma queda na quantidade exportada de couro. O ano de 2007 acabou fechando com uma pequena redução na produção de couro e artefatos (-0,5%). Por sua vez, a produção de calçados, que representam grande parte dos produtos pesquisados (84%), acumulou uma queda de -5,2% em 2006, gradativamente amenizada ao longo de 2007, que ainda fechou com desempenho negativo de sua produção física (-2,1%).

**Gráfico 2 – Indústria de Transformação e Indústria de Couro e Calçados:
variação da produção física
(taxa acumulada nos últimos quatro trimestres – IV/2006 a I/2008)**



Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da PIM-PF/ IBGE.

Portanto, o setor de couro e calçados foi uma exceção à generalização do crescimento industrial verificado em 2007. Esse desempenho da produção física, dada sua dependência da demanda externa, pode ter refletido a perda de mercado externo e a redução da quantidade de produtos exportados, resultante, por um lado, da crescente concorrência, especialmente asiática, nos mercados consumidores mundiais, e por outro lado, da sobrevalorização cambial, que tem funcionado como uma dificuldade a ser superada para se atingir uma maior inserção comercial externa.

A perda de mercado externo tem incentivado um redirecionamento das vendas para o mercado interno por parte de muitas empresas brasileiras, principalmente aquelas de pequeno e médio porte que não conseguem enfrentar a concorrência externa mais intensa. Contudo, o aquecimento da demanda interna no ano passado não conseguiu compensar a perda de mercado externo, mesmo porque foi acompanhada de uma elevação das importações de calçados – mais expressiva em termos de quantidade importada – em detrimento da produção interna.

Os dados mais recentes de produção física mostram uma queda acentuada no acumulado dos últimos quatro trimestres (março/2007 a março/2008) para o segmento de couro e artefatos (-6,7%) e um aumento, ainda reduzido, para o segmento de calçados (0,9%). A queda acentuada da quantida-

de exportada de couro e artefatos no último trimestre do ano passado e no primeiro trimestre do ano corrente contribuíram para o resultado negativo da produção do segmento.

Para o segmento de calçados, convém destacar que a evolução recente da renda e da demanda interna parece ter contribuído para sua recuperação desde o ano passado, que se mostra mais evidente no primeiro trimestre de 2008, mesmo que de forma ainda tímida. Isto pode vir a consolidar uma reversão do comportamento negativo observado no ano anterior, dependendo da evolução futura da renda e da demanda interna. A canalização do estímulo da demanda interna para a produção doméstica deve ser a grande dificuldade a ser enfrentada, considerando a elevação recente da entrada de calçados importados no mercado brasileiro, também incentivada pela valorização da moeda local (ainda que as importações não mantenham um peso significativo no consumo aparente doméstico: cerca de 3% em termos de volume em 2006 – ABICALÇADOS).

Uma outra característica da indústria brasileira de couro e calçados é seu elevado potencial de geração de emprego. Segundo os dados da PIA/IBGE, a indústria analisada empregava 277,4 mil pessoas em 1996, passando para 384 mil em 2005 (crescimento de 38,4% ou 4,3% ao ano). Na indústria brasileira, o crescimento do pessoal ocupado foi relativamente menor: 25,3% no período citado (2,8% ao ano). Desta forma, a participação do setor de couro e calçados na indústria brasileira em termos de pessoal ocupado aumentou de 5,4%, em 1996, para 6,0%, em 2005.

Em 2007, houve criação de emprego formal pelo setor de couro e calçados, especialmente liderado pelo segmento de calçados de couro. Dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED/MTE) apresentam um saldo entre funcionários admitidos e desligados pelo setor de aproximadamente 9 mil vagas no ano passado. As oscilações estiveram presentes ao longo dos quatro trimestres do ano, com queda significativa no último trimestre. Contudo, o do ano revelou um saldo positivo. Convém ressaltar que, apesar desse comportamento favorável, a participação do setor na criação de vagas pela indústria brasileira (387 mil) foi muito reduzida no ano passado (por volta de 2,3%).

Dados mais recentes mostram que a recuperação da produção de calçados tem se refletido na criação de emprego formal em volume bastante significativo (Tabela 1).

No primeiro trimestre de 2008, o setor de couro e calçados criou cerca de 15 mil vagas (somente o segmento de calçados criou mais de 13 mil vagas), o que representou um aumento de 22,7% com relação ao primeiro trimestre do ano anterior.

O crescimento do emprego formal no setor analisado no primeiro trimestre do ano corrente conseguiu superar consideravelmente a criação de vagas observada em todo o ano passado. As empresas de pequeno porte (com até 9 funcionários), com reduzida inserção externa, foram as principais responsáveis pela criação de vagas no período analisado (45%). O ano de 2008 se inicia, portanto, com uma grande participação do setor de couro e calçados na criação de vagas pela indústria brasileira (quase 10%).

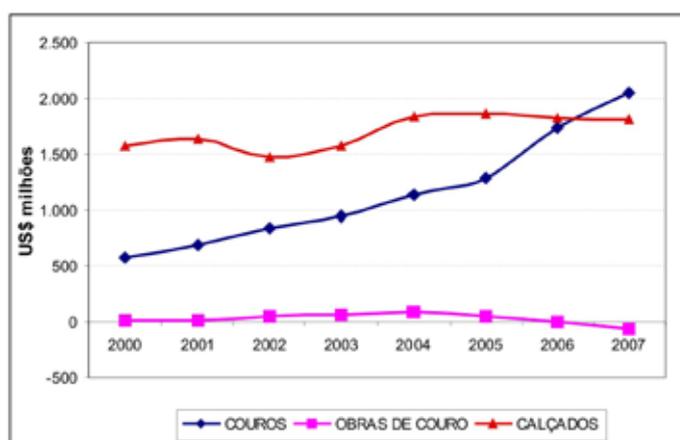
Tabela 1 – Indústria Brasileira e Indústria de Couro e Calçados: evolução da criação de emprego formal (I/2007 a I/2008)

	I/2007	II/2007	III/2007	IV/2007	Total 2007	I/2008
Indústria Brasileira	108.986	188.246	175.903	-86.531	386.604	153.090
Indústria de Couro e Calçados	12.326	1.047	7.372	-11.845	8.900	15.122
Calçados	11.474	1.504	7.306	-11.107	9.177	13.724
Artefatos	290	-216	-76	-1.166	-1.168	207
Couro	562	-241	142	428	891	1.191

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados do CAGED/MTE.

No que se refere ao comércio externo, os segmentos de couro e calçados têm apresentado persistentes superávits comerciais na década atual (Gráfico 3). Em 2007, enquanto o país exportou cerca de US\$ 2.192 milhões em couro e US\$ 2.037 milhões em calçados, as importações somaram apenas US\$ 151 milhões em couro e US\$ 222 milhões em calçados, produzindo um superávit comercial, respectivamente, de US\$ 2.041 milhões e US\$ 1.815 milhões.

Gráfico 3 – Evolução do Saldo Comercial por Segmentos da Indústria de Couro e Calçados (2000-2007)



Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da SECEX.

O superávit comercial do segmento de calçados tem se estabilizado nos últimos anos, sendo recentemente ultrapassado pelo elevado saldo positivo do segmento de couro. Isto revela a crescente importância do país como produtor e exportador da matéria-prima básica do setor, mas sua perda de mercados compradores externos de seu produto final (calçados). O segmento de artefatos de couro foi uma exceção em 2007, pois apresentou um saldo comercial negativo de US\$ 56 bilhões, liderado pela significativa elevação das importações, revertendo um comportamento superavitário nos anos anteriores (Secex).

No período 2000-2007, o segmento de couro apresentou uma elevação anual do saldo comercial positivo, puxado tanto pelo grande aumento do valor das exportações (16,4% ao ano) quanto pela diminuição do valor das importações (-2,4% ao ano) (Secex). Os principais destinos das exportações brasileiras de couro no ano passado foram: Itália (28,5%), China (22,4%), EUA (10,9%), Hong Kong (10,8%), Indonésia (2,5%) e Vietnã (2,5%), alguns deles importantes produtores e exportadores mundiais de calçados que utilizam matéria-prima brasileira. Houve importantes mudanças nos principais destinos do couro brasileiro na década atual, com a emergência tanto da grande produtora mundial de calçados (China) quanto de outros importantes produtores de calçados asiáticos (Indonésia e Vietnã), que aumentaram de forma intensa suas importações de couro brasileiro, embora de produtos com menor valor agregado (couro semi-acabado).

Historicamente, as vendas externas de couro brasileiro estiveram vinculadas às exportações de couro semi-acabado (principalmente o chamado wet blue), mas houve um crescimento recente das exportações de couro acabado, que passaram a representar aproximadamente 50% das vendas externas brasileiras de couro em 2007 (Garcia e Madeira, 2007). Isso significou uma elevação do valor agregado do couro exportado pela indústria brasileira, contribuindo certamente para o aumento do valor de suas exportações nos últimos anos. Uma das metas da Política de Desenvolvimento Produtivo (2008) definida recentemente no Brasil é aumentar o valor das exportações de couro acabado à taxa média de 10% a.a. até 2010, com o objetivo de reforçar a agregação de valor às vendas externas de couro.

O segmento de calçados também apresentou aumento do superávit comercial, em especial entre 2000 e 2004, apesar da elevação do valor das importações (24,3% ao ano) ter superado o aumento do valor das exportações (3,4% ao ano). Os principais destinos das exportações brasileiras de calçados no ano passado foram: Estados Unidos (35,3%), Reino Unido (11,3%), Argentina (8,5%), Itália (4,6%) e Alemanha (4,5%) (Secex). Os Estados Unidos se mantiveram como o principal mercado para os calçados brasileiros, mas com participação decrescente. A redução das exportações para o mercado norte-americano refletiu a intensa concorrência externa, mas também um esforço de redirecionamento das vendas externas realizado pelas fabricantes brasileiras. A presença dos países europeus no grupo dos principais destinos das exportações brasileiras de calçados revela que mercados considerados mais sofisticados e exigentes têm sido atingidos por produtos brasileiros. Portanto, observa-se uma diversificação recente do destino das exportações de calçados brasileiros, apesar de ainda elevada, embora cadente, concentração para os Estados Unidos.

A elevação do valor das exportações de calçados tem sido acompanhada pelo incremento do preço médio dos produtos exportados. No período 2000-2006, os preços médios de exportação dos calçados brasileiros de cabedal de couro aumentaram para todos os principais países de destino, atingindo patamares mais elevados nos países europeus (Tabela 2). O preço médio mundial dos calçados brasileiros de cabedal de couro exportados aumentou de aproximadamente US\$ 11 em 2000, para algo em torno de US\$ 16 em 2006 (Comtrade). Preços médios mundiais bastante inferiores foram atingi-

dos pelos calçados de couro chineses (US\$ 5,3, em 2000, e US\$ 6,3, em 2006), que, no entanto, têm caminhado para faixas intermediárias do mercado com preços médios em elevação nos diversos mercados externos.

Tabela 2 – Brasil e China: evolução dos preços médios de exportação de calçados de couro por principais destinos (2000, 2004 e 2006) (US\$)

Principais destinos ⁽¹⁾	2000		2004		2006	
	Brasil	China	Brasil	China	Brasil	China
1. EUA	11,4	5,4	11,5	5,6	15,8	6,3
2. Reino Unido	15,0	6,0	15,9	6,5	18,7	7,0
3. Argentina	10,0	8,6	11,0	8,5	14,9	9,4
4. Itália	16,3	5,7	14,9	6,7	19,9	8,5
5. Alemanha	11,2	5,8	17,8	6,8	20,8	6,7
Mundo	11,4	5,3	11,8	5,5	16,3	6,3

(1) Principais destinos das exportações brasileiras de calçados em 2007 (Secex). Não foi possível comparar os preços médios de calçados de couro brasileiros e chineses no ano passado, pois os dados Comtrade ainda não se encontram disponíveis para 2007.
Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados Comtrade.

Por um lado, isto se explica pelo tipo de calçado considerado – calçado com cabedal de couro – que apresenta um preço médio de exportação usualmente mais elevado. Como responde por cerca de 80% das vendas externas totais de calçados brasileiros em termos de valor, seu preço médio crescente tende a elevar o valor das exportações brasileiras de calçados (Garcia e Madeira, 2007). Por outro lado, as fabricantes brasileiras têm adotado uma estratégia de fornecimento de produtos mais diferenciados com maior valor agregado e de diversificação de mercados compradores externos, incluindo mercados historicamente mais sofisticados. Porém, não se pode esquecer os menores custos de produção atingidos pelos fabricantes chineses, que também contribuem para a manutenção de reduzidos preços médios de seus produtos no mercado internacional.

O comportamento positivo das exportações de calçados em termos de valor, liderado pela elevação de preços médios, tem sido, contudo, acompanhado de queda de sua participação nas exportações mundiais (Comtrade). Isso deixa transparecer a dificuldade certamente enfrentada pela indústria brasileira de calçados no mercado internacional devido à crescente disputa com produtores asiáticos, especialmente chineses.

A crescente participação dos chineses no comércio mundial de calçados pode ser observada também no Brasil. Os principais países de origem das importações brasileiras de calçados no ano passado foram: China (69,7%), Vietnã (13,5%), Indonésia (5,6%) e Itália (4,3%) (Secex). O destaque do crescimento das importações foi certamente da China, de onde vieram US\$ 41 milhões

em calçados, em 2000, e US\$ 154,9 milhões, em 2007. A crescente participação dos países asiáticos na pauta brasileira de importações de calçados reflete a importância que os países citados têm assumido no comércio internacional de calçados, principalmente na produção e exportação de calçados esportivos de grandes marcas internacionais. Isso pode ser observado nos principais tipos de calçados importados pelo mercado brasileiro – cabedal têxtil e plásticos montados – composições tipicamente encontradas na produção de tênis, que corresponderam conjuntamente a 60% das importações brasileiras em 2006 (Secex).

Dados mais recentes de comércio externo mostram a persistência de algumas tendências presentes em anos anteriores. No primeiro trimestre de 2008, o saldo comercial positivo se manteve nos segmentos de couro e calçados, respectivamente US\$ 492,7 milhões e US\$ 469,8 milhões, enquanto o saldo negativo continuou a marcar o segmento de artefatos de couro no começo do ano corrente.

Portanto, apesar do fraco desempenho da indústria brasileira de couro e calçados no ano passado, observa-se uma recuperação recente de sua produção, com importantes reflexos sobre o emprego formal. A indústria continua a contribuir de forma positiva para o resultado da balança comercial do país, mesmo com a aceleração recente das importações e a redução do patamar do superávit comercial. O Brasil se encontra entre os maiores exportadores mundiais de calçados, apesar de ter perdido posições relativas no comércio externo para seus principais concorrentes, principalmente asiáticos. No entanto, a perda de mercado interno e externo deve ser observada com atenção. Torna-se necessária uma estratégia mais agressiva de fortalecimento das marcas, da imagem e da presença dos produtos brasileiros, principalmente em mercados externos. Esses são alguns dos desafios destacados pela Política de Desenvolvimento Produtivo (PDP – 2008), cujas metas incluem a conquista pela indústria brasileira da segunda posição na produção e da terceira posição na exportação mundial de calçados até 2010.

A perspectiva de maior crescimento da economia brasileira no ano corrente e o movimento de reestruturação e de redirecionamento das vendas externas das principais empresas do setor, especialmente daquelas produtoras e fornecedoras de calçados no âmbito mundial, abre a possibilidade de um

desempenho mais positivo da indústria brasileira de couro e calçados no futuro. As grandes dificuldades devem continuar sendo a concorrência asiática e a valorização cambial, que têm levado a perdas de mercado. Para superá-las, a indústria brasileira de couro e calçados precisa enfrentar suas reconhecidas fragilidades, encontrando novas formas de se tornar crescentemente competitiva e recuperar espaço no mercado externo. Nesse contexto, o papel das políticas públicas, como da Política de Desenvolvimento Produtivo (PDP) recentemente definida pelo governo pode se revestir de fundamental importância.

Principais desafios competitivos

O aproveitamento das potenciais oportunidades criadas pela intensificação e pela sustentação do crescimento da economia depende da superação de alguns gargalos importantes por parte da indústria brasileira de couro e calçados. Alguns fatores críticos para o aumento de sua competitividade podem ser destacados: (1) a capacidade de inovação e de diferenciação de produtos, principalmente a capacidade de desenvolvimento do design; (2) o aperfeiçoamento do processo de produção, associado à sua modernização e racionalização, bem como ao incremento da escala e do escopo da produção, visando o aumento da produtividade e a redução de custos; (3) o desenvolvimento das atividades de promoção, comercialização e distribuição dos produtos, no âmbito interno e externo, objetivando o fortalecimento da marca e da imagem dos produtos brasileiros, bem como dos canais de venda; e (4) o fortalecimento de sistemas locais de produção.

A capacidade de inovação e de diferenciação de produtos é um aspecto importante para a competitividade do setor analisado. O desenvolvimento do design conforma um significativo espaço de atuação para os fabricantes de calçados, que desejam manter vantagens competitivas baseadas na capacidade de diferenciação dos produtos e não somente na concorrência exclusivamente através de preços. Esse fator parece adquirir maior importância para as grandes empresas historicamente atuantes em mercados externos, que têm enfrentado a crescente ameaça dos produtos mais simples e mais baratos fabricados principalmente por produtores asiáticos, sobretudo chineses. A diferenciação de produtos pode ser um caminho para compensar

a perda de mercados consumidores externos através do desenvolvimento, da produção e da comercialização de produtos mais sofisticados, de maior valor agregado, com preços médios mais elevados, que possam ocupar uma faixa intermediária do mercado consumidor de calçados. Tornam-se relevantes políticas voltadas especialmente para o suporte ao desenvolvimento da capacidade inovativa das menores empresas, inclusive com vistas à sua atuação em nichos de mercado, notadamente daquelas localizadas em importantes pólos de produção de calçados, que propiciam medidas de apoio aos arranjos produtivos locais.

Um dos fatores mais críticos para o aumento de competitividade do setor de couro e calçados tem sido o aperfeiçoamento do processo de produção, em termos de utilização de equipamentos mais modernos; de maior racionalização e aprimoramento dos processos de produção; e de aumento da escala e de escopo da produção, com o objetivo de reduzir desperdícios, aumentar a produtividade, minorar custos e preços e melhorar a qualidade do produto final.

As grandes empresas brasileiras têm conseguido realizar um movimento de mudança no processo de produção, tanto no que concerne à sua modernização e racionalização, quanto no que diz respeito ao aproveitamento de economias de escala e de escopo na produção. Elas também têm adotado a subcontratação parcial ou completa da produção, no plano nacional e externo, ou mesmo a realocação do processo de produção. As pequenas empresas têm apresentado maiores dificuldades para acompanhar os desenvolvimentos tecnológicos relacionados ao processo produtivo, seja para comprar e utilizar máquinas e equipamentos mais modernos, seja para organizar e racionalizar o processo produtivo, mantendo características ainda muito artesanais, que funcionam como limitações para o incremento da produtividade e da qualidade de seus produtos e para a redução dos custos de produção. Políticas de incentivo ao desenvolvimento do processo produtivo de empresas de menor porte são importantes, incluindo medidas para facilitar o crédito e para desonerar a compra de equipamentos, estimulando a modernização e a sofisticação de produtos e processos.

Um terceiro fator de competitividade do setor de calçados diz respeito ao desenvolvimento das atividades de promoção, comercialização e distribui-

ção de produtos. O fortalecimento das marcas e da imagem dos produtos brasileiros, por meio de elevados investimentos em propaganda, e a consolidação de canais de comercialização e de distribuição, assim como sua diversificação, tornaram-se iniciativas crescentemente relevantes no ambiente competitivo.

As grandes empresas brasileiras, que atingiram uma importante e diversificada inserção internacional, certamente apresentam vantagens de comercialização e de distribuição de seus produtos, inclusive no plano externo. No entanto, são necessárias políticas voltadas à promoção das marcas locais e ao estímulo ao desenvolvimento conjunto de canais de comercialização e de distribuição, visando, por exemplo, o atendimento a um mercado consumidor mais sofisticado e exigente, inclusive em escala internacional.

Um último fator de competitividade a ser considerado é o fortalecimento de sistemas locais de produção, aprimorando as vantagens de aglomeração, como aquelas relacionadas à qualificação da mão-de-obra, à especialização dos fornecedores e às interações entre os agentes. A concentração de empresas em sistemas locais de produção configura-se em aspecto essencial para a competitividade dos fabricantes de calçados, principalmente os de menor porte, que passam a ter a oportunidade de aproveitar externalidades positivas geradas localmente.

Os pólos brasileiros de produção de calçados têm conseguido apresentar uma significativa capacidade produtiva, muitas vezes com flexibilidade de atendimento a pequenos volumes de encomendas, orientados a faixas intermediárias do mercado, pois não apresentam a sofisticação e os preços dos produtos italianos tampouco concorrem diretamente com os calçados mais simples e baratos chineses. Contudo, ainda se faz necessário fortalecer as economias de aglomeração, o desenvolvimento conjunto de tecnologia (produto e processo), a qualificação da força de trabalho, a gestão de ativos comerciais (como marcas e canais de comercialização) e o esforço conjunto de certificação internacional em gestão da qualidade, meio ambiente, segurança do trabalho e responsabilidade social, pois surtem efeitos extremamente positivos sobre a competitividade das empresas, principalmente as de pequeno porte.

Referências bibliográficas

Associação Brasileira da Indústria de Calçados (ABICALÇADOS). **Resenha Estatística**, vários anos.

Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (ABIMAQ). **Indicadores Conjunturais**. Março de 2008.

COSTA, A. B. (2002). **Estudo da Competitividade de Cadeias Integradas no Brasil: impactos das zonas de livre comércio. Cadeia: Couro e Calçados**. Nota técnica final. Convênio: MDIC/ MCT/ FINEP/ NEIT(IE/UNICAMP). Campinas/SP: dezembro.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2005). **Cadastro Central de Empresas (CCE)**.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Pesquisa Industrial Anual (PIA)**, vários anos.

Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). **Secretaria de Comércio Exterior (SECEX)**. Estatísticas de Comércio Exterior. Vários anos.

Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). **Política de Desenvolvimento Produtivo: inovar e investir para sustentar o crescimento**. Maio de 2008.

Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE). **Relatório Anual de Informações Sociais (RAIS)**, vários anos.

Núcleo de Economia Industrial e da Tecnologia (NEIT/IE/UNICAMP) e Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI/MDIC). **Relatório de Acompanhamento Setorial: Couro e Calçados**. Março de 2008.

Organização das Nações Unidas (ONU). **United Nations Commodity Trade Statistics Database (Comtrade)**.

GARCIA, R. e MADEIRA, P. (2007). **Uma agenda de competitividade para a indústria paulista. Cadeia Couro e Calçados**. Nota técnica final. Convênio: Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT)/ FIPE/ NEIT/IE/UNICAMP. São Paulo/SP: outubro.

